

“EDUCAÇÃO E TRABALHO” TRANSFORMOU-SE EM “TRABALHO E EDUCAÇÃO”: DA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE MARXISTA AOS DESAFIOS DA DÉCADA DE 90 PELO GTTE DA ANPED

“EDUCATION & LABOR” TURNED INTO “LABOR & EDUCATION”: FROM THE CONSTRUCTION OF MARXISM IDENTITY TO THE CHALLENGES OF THE 90’S BY GTTE OF ANPED

BOMFIM, Alexandre Maia do¹

RESUMO

Este estudo resgata a memória um episódio de duas décadas, quando pesquisadores da área de “educação e trabalho”, sob a perspectiva teórica do marxismo, inverteram a designação de seu grupo para “trabalho e educação”. O propósito é contribuir um pouco mais na compreensão do GT “Trabalho e Educação” da Anped, sobre suas escolhas e caminhos.

Palavras-chaves: Trabalho e Educação; Educação e Trabalho; ANPED; GT Trabalho e Educação da ANPED.

ABSTRACT

This study reminds us an episode, when the “Education & Labor” area researchers, under Marxism perspective theory, proposed to invert the designation of their group for “Labor & Education”. The purpose of this paper is contributing a bit more towards the GT “Labor & Education” comprehension of Anped, in relation to its choices and ways.

Keys-words: Work and Education; Education and Work; ANPED; Anped's Work and Education Workgroup.

¹ Professor do Mestrado em Educação da Universidade Estácio de Sá, Rio de Janeiro. **E-mail:** alexmab@uol.com.br.

INTRODUÇÃO

Éramos todos materialistas históricos, naquela época. Uns mais, outros menos...
(Acácia Kuenzer)

Trabalho & Educação – vol. 17, nº 2 – Maio / junho 2008.

Este trabalho parte de uma tomada de decisão, acontecida há mais de duas décadas, em abril de 1986, quando pesquisadores da área de “Educação e Trabalho”, assumindo a perspectiva teórica do marxismo, mudaram a denominação para “Trabalho e Educação” - TE. Antes de tudo, quer resgatar à memória essa data. Por outro lado, este trabalho quer ensaiar uma reflexão sobre o Grupo de Trabalho - Trabalho e Educação, o GTTE, pertencente à Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, a ANPED, trazendo de volta um momento especial do grupo, em que se traçaram planos e se construíram metas para a área de Educação e Trabalho. Para isso foram lidos inicialmente quatro artigos que analisaram a área de Trabalho e Educação: “**O Percorso Teórico e Empírico do GT Trabalho e Educação**” de Trein e Ciavatta (2003), “**Qualificação e reestruturação produtiva: Um balanço das pesquisas em educação**” de Shiroma e Campos (1997), **Trabalho e educação: contribuições dos artigos publicados na revista do NETE de Castilho e Pereira (2003)** e “**Educação e Trabalho no Brasil: o estado da questão**” de Kuenzer (1991). Também foi feita uma “leitura longitudinal” de 132 trabalhos apresentados ao GTTE no período que vai de 1995 até 2004 (neste trabalho usado parcialmente). E para complementar, também foram feitas quatro entrevistas aos participantes atuantes e históricos² do GTTE.

A CONSTRUÇÃO DO GTTE

A proposta inicial é apreender o quanto o GTTE em seu desenvolvimento contemplou ou tomou outros caminhos diferentes em relação àqueles traçados no início. A professora Acácia Kuenzer, por exemplo, na entrevista concedida³, lembra que muito do que os “pioneiros”⁴ pautaram para ser investigado está longe de ser contemplado. Miguel Arroyo demonstra outra preocupação, em um de seus textos pergunta se não houve um afastamento do GTTE em relação à educação escolar básica (ARROYO, 1998). Arroyo não somente está no início do GT, como também lhe é atribuída uma participação especial.

O grupo de Educação e Trabalho da Anped surge em 1981, na reunião anual que se realizou no Rio de Janeiro. Para essa ocasião, o professor Miguel Arroyo preparou um texto para a discussão, com o intuito de propor as bases para a organização desse grupo, a partir da identificação de áreas de pesquisa e ação que deveriam constituir-se em objeto de estudo (KUENZER, 1991, p. 49).

² Foram eles: Iracy Picanço, Gaudêncio Frigotto, Acácia Kuenzer e Eunice Trein.

³ Ainda que seja desnecessário dizer, creio importante reforçar: todo o conteúdo deste trabalho, a linha narrativa deste texto e a interpretação do GTTE são de minha total responsabilidade, os entrevistados gentilmente me ofereceram seus depoimentos estimulados por minhas questões e a isso ficam restringidos.

⁴ Consideramos “pioneiros”, os partícipes daquele momento da inversão para “Trabalho e Educação”, já que não seriam exatamente os primeiros a realizar estudos nessa área.

Esta passagem faz parte do documento de autoria da professora Acácia Kuenzer, fonte importante para resgatar parte dessa história do GTTE, sobretudo para mostrar o momento da construção (e opção) da perspectiva teórico-metodológica do grupo. O título do documento já foi mencionado acima *Educação e Trabalho no Brasil: o estado da questão*, publicado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais - INEP (KUENZER, 1991). O nosso documento data de 1991, mas a sua primeira versão é de 1987. Neste documento, Kuenzer traz o momento da inversão para “Trabalho e Educação”, isto aconteceu num encontro, organizado pela própria Kuenzer em abril de 1986, quando estava à frente da Coordenação de Educação e Trabalho no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico - CNPq, encontro não especificamente do GT, mas de pesquisadores em Educação e Trabalho⁵

Desta forma, a proposta, feita pelo grupo de participantes do Encontro, de que se passe a denominar a área de Trabalho e Educação, reflete, mais do que uma diferença semântica, uma concepção teórica fundamentada em opção política. (KUENZER, 1991, p. 93)

De qualquer forma, foi a partir da influência desse Encontro que o GT passaria a se chamar “Trabalho e Educação”. E foi neste ano de 1986 que acontece mais uma reestruturação da ANPED sobre os GTs, quando foram incentivados a assumir sua especificidade, sua identidade (HENRIQUES, 1998). A mudança formal do nome do GT para Trabalho e Educação só vai acontecer mesmo no ano de 1989, na coordenação de Gaudêncio Frigotto (ANPED, 2002), não obstante, pode-se dizer que, desde 1986 o grupo assim já se identificava, segundo os depoimentos de Frigotto e de Kuenzer.

Neste momento é que algumas idéias centrais para o grupo irão se consolidar, o “trabalho como categoria central para entendimento da sociedade”, o “trabalho como princípio educativo”, etc. (TREIN; CIAVATTA, 2003) O grupo vai consolidando sua vocação à perspectiva marxista, mas, sobretudo à vertente gramsciana. Na entrevista, a professora Acácia Kuenzer confirmou essa influência de Gramsci.

Os pesquisadores da área de Trabalho e Educação, no Encontro mencionado, tiveram dois objetivos: avaliar a área e propor temas para investigação. Ainda que não fosse uma reunião do GTTE em si, parte de seus principais pesquisadores estava no Encontro, muito influenciados por uma orientação que na época vinha da ANPED para a consolidação dos GTs: estes deveriam se tornar definitivamente fóruns acadêmicos, um lugar de trocas e discussões sobre resultados de estudos e pesquisas. O Encontro, pode-se dizer, estava construindo as diretrizes de pesquisa para o GTTE. Destarte, eis as “linhas de pesquisas” que orientaram os participantes a constituir os debates: (1) Educação e trabalho: teoria e história; (2) Trabalho e Educação Básica; (3) Profissionalização e Trabalho; (4) Trabalho e Educação nos movimentos sociais; (5) Educação do trabalhador nas relações sociais de produção (ibid.).

Cada linha de pesquisa engendrou grande quantidade de subitens, quer dizer, os pesquisadores da área de TE preferiram muito mais ampliar as possibilidades de

⁵ Na entrevista que nos concedeu, a prof. Kuenzer lembra que “tudo se fazia ao mesmo tempo agora”, que o grupo que fazia parte desse encontro era o mesmo que estava implicado com a constituição do GTTE.

investigação do que concentrá-las. Kuenzer, também na entrevista, chegou a afirmar que ali havia diretrizes para mais de 30 anos de pesquisa. Não obstante, muitos temas sugeridos por esses “pioneiros em TE” foram preteridos ao longo do desenvolvimento do GTTE. Algo confirmado por nossa leitura sobre a produção acadêmica⁶, pelo menos para o nosso período de estudo, de 1995 até 2004. Nos temas de investigação arrolados naquele Encontro, a maior parte deles, por exemplo, sugeriu pesquisas históricas, algo que foi pouco contemplado pelo GTTE em seu desenvolvimento (TREIN; CIAVATTA, 2003). Isso aconteceu também com outros temas e abordagens (ibid.), mais exemplos: a orientação de estudar mais incisivamente a Escola Básica; de estudar as demandas vindas dos movimentos sociais; de pesquisar a gestação de novas formas de organização e controle do trabalho (KUENZER, 1991, p.101); de estudar a ação pedagógica nas formas pré e para-cooperativistas de organização dos trabalhadores (IBID. 100-101), etc. Esses temas foram propostos na segunda metade da década de 80 e tinham certamente por detrás deles o horizonte de uma “Escola Pública De Qualidade Para o Trabalhador, Unitária e Politécnica” (cf. KUENZER, 1991; FRIGOTTO, 1995; e outros). É certo que esse horizonte de Escola continua, mas a questão agora é saber o quanto o caminho mudou, o que trouxe a conjuntura dos anos 90, o que deve ser resgatado da antiga pauta e o que deve ser adicionado.

O trabalho de Shiroma e Campos não reflete, especificamente, a produção do GTTE, já que as autoras utilizaram também publicações em trabalho e educação de outros espaços. Não obstante, foi de participantes do GT que veio a maior parte do material que analisaram. O título **“Qualificação e reestruturação produtiva: Um balanço das pesquisas em educação”** mostra a intenção, porém, o trabalho delas não chegou a ser um “estado da arte”, a análise concentrou-se num debate em especial que trazia os seguintes tópicos: (...) politecnicidade e polivalência; inovação nos sistemas de produção e demanda por qualificações; centralidade da educação básica; qualificação e competência, por fim, suas implicações para a questão da empregabilidade (SHIROMA E CAMPOS, 1997, p. 13). O estudo dessas autoras, localizado entre a década de 80 e início da 90, trouxe uma conclusão importante:

(...) os estudos “patinaram” um pouco tentando explicar se a reestruturação implicaria na qualificação ou na desqualificação do trabalhador. As opiniões que, em princípio, buscavam dar uma resposta única para uma realidade tão heterogênea, derivam de análises calcadas no determinismo tecnológico e na tentativa de enquadrar a realidade empírica nos “modelos” prescritos na literatura. (SHIROMA E CAMPOS, 1997, p. 28)

Gaudêncio Frigotto em sua entrevista também enfatizou a questão do *determinismo tecnológico* como sendo um dos problemas a ser enfrentado pela área

DA EDUCAÇÃO E TRABALHO PARA TRABALHO E EDUCAÇÃO: O GTTE CONFIRMANDO A SUA IDENTIDADE

Uma primeira curiosidade, em relação ao momento em que o GT opta pela denominação “Trabalho e Educação”, é que nos documentos analisados praticamente não se percebe vozes dissonantes à escolha da nova designação. Na verdade, os documentos não chegam a sugerir que houve uma unanimidade a

⁶ Foram 177 trabalhos do GTTE, vindos dos CD-ROM das Reuniões Anuais da Anped, da 18ª até a 27ª; sendo que 45 deles não estavam disponibilizados no meio eletrônico, assim foi feita a leitura de 132 trabalhos.

respeito da troca do nome do grupo, mas fica subentendido que praticamente não houve dissenso quanto ao desfecho, que foi o seguinte.

A conclusão a que se chegou - e que foi da maior relevância - foi a de que, até o momento, a área estava padecendo de uma inversão ao tomar a educação como ponto de partida para a análise. Retomando-se os princípios fundamentais da crítica a economia política, concluiu-se que o que distingue esta área temática de outros (sic) no campo geral de educação é o fato de que nesta, a dimensão trabalho constitui-se como categoria central da qual se parte para a compreensão do fenômeno educativo e das articulações recíprocas entre as duas dimensões - educação e trabalho. (KUENZER, 1991, p. 92)

No texto de Trein e Ciavatta também pode ser percebido esse tom:

Dentro de uma visão dialética da história, no quadro dos estudos e publicações sobre Marx e Gramsci, formou-se a idéia de que não se pode compreender a escola dissociada da sociedade a que ela pertence. (...) Essas reflexões determinaram a mudança do nome do GT para Trabalho e Educação (TREIN e CIAVATTA, 2003, p. 144)

Nas entrevistas feitas também se buscou perceber o quanto houve de posicionamentos dissonantes à mudança do nome do grupo. A professora Iracy Picanço é uma das participantes do GTTE que está desde o seu início, foi uma das coordenadoras do e grupo, uma de nossas entrevistadas. Ela lembrou que havia sim, desde o início, não-marxistas no GTTE, apontou Miguel Arroyo e Luiz Antonio Cunha como exemplos. Picanço definiu Arroyo, genericamente, como *grande humanista*, demonstrou ter grande reconhecimento por ele, responsabilizando-o positivamente como um dos que mais contribuíram para o desenvolvimento do GTTE. Ao se referir a Cunha, também com admiração, lembrou que este saiu logo no início para o GT de Ensino Superior e que num episódio: [Picanço em entrevista:] Eu me lembro de uma reunião em que ele dizia: “*eu sou weberiano*.” Eu me recordo dele dizendo isso, classicamente dizendo isso. Ao ser perguntada se o GTTE, sobretudo em seu início silenciou vozes discordantes, disse firmemente: *Ao contrário!* Picanço demonstrou perceber o GTTE como um grupo aberto que, embora nitidamente marxista, tinha a característica de receber grupos e pessoas que não o eram. O depoimento dado por Picanço nos dá um traço interessante sobre o GTTE, sugere que o grupo não se propôs a nenhum momento, conscientemente, se fechar, ainda que marxista de nascença. Só que, uma visão um pouco diferente vai ter a Acácia Kuenzer para o mesmo episódio:

Éramos todos materialistas históricos, naquela reunião. Uns mais outros menos. (...) O GT se constitui organicamente a partir dos materialistas históricos. (...) E na vertente gramsciana. (...) Aí a minha crítica, as minhas indagações no artigo de 97, porque o GT se constituiu a partir de uma identidade epistemológica e nisso ele se diferenciou dos demais GTs, ao longo do tempo foi abrindo, abrindo e está cada vez mais aberto... E já em 92, a Iracy e eu começamos a reclamar que o GT estava perdendo aquela característica de ser um espaço de troca efetiva entre os pesquisadores, que era a perspectiva de sua criação. Nós tínhamos uma identidade epistemológica (...) Era um espaço acadêmico de altíssimo nível. (Kuenzer em entrevista)

O que podemos inferir sobre este momento importante para a história do GTTE é que a pouca tensão ou pouca divergência na mudança de nome e na construção das diretrizes ocorreu muito pela proximidade que havia entre os pesquisadores daquela época, aspiravam juntos maior participação democrática, resposta ao momento histórico pós-ditadura que vivia o Brasil - percepção também de Frigotto, em entrevista. Os pioneiros do GTTE nutriam uma “estima mútua” (BOURDIEU, 2004); e também, como sugeriu Kuenzer, porque eram realmente muito próximos,

iniciavam com muita semelhança a vida acadêmica, às vezes vinham de mesmas escolas formadoras. Para Kuenzer não havia mesmo vozes substancialmente diferentes entre os pioneiros, Miguel Arroyo ainda era marxista e Luiz Antonio Cunha não tivera uma participação efetiva no GTTE.

A IDENTIDADE MARXISTA DO GTTE

Antes de prosseguir, vejamos primeiramente as principais referências utilizadas pelo GTTE, no quadro 1:

QUADRO 1: AUTORES-REFERÊNCIA DO GTTE DA ANPED - 1998-2004

Autores que obtiveram destaque nos últimos anos do GTTE	Incidência (percentual em que aparece nos trabalhos)							Média (aprox.)
	Ano 1998/ 21ª RA	Ano 1999/ 22ª RA	Ano 2000/ 23ª RA	Ano 2001/ 24ª RA	Ano 2002/ 25ª RA	Ano 2003/ 26ª RA	Ano 2004/ 27ª RA	
1-MARX, KARL	50%	36,8%	13,3%	50%	44,4%	35,2%	15%	≅35%
2-FRIGOTO, Gaudêncio	30%	36,8%	13,3%	10%	50%	23,5%	20%	≅26%
3-MACHADO, Lucília R. de Souza	40%	26,3%	20%	15%	22,2%	17,6%	10%	≅22%
4-HIRATA, Helena.	20%	42%	26,6%	-	22,2%	11,7%	15%	≅20%
5-ANTUNES Ricardo	20%	31,5%	-	20%	22,2%	29,4%	10%	≅19%
6-KUENZER, Acácia Zeneida	-	21%	20%	10%	38,8%	-	35%	≅18%
7-LEITE, Márcia de Paula	30%	-	33,3%	10%	22,2%	-	-	≅14%
8-FERRETTI, Celso J	30%	10,5%	-	10%	22,2%	-	10%	≅12%
9-GRAMSCI, Antonio	30%	15,7%	-	15%	11%	-	10%	≅12%
10-FIDALGO, Fernando	20%	10,5%	-	-	16,6%	-	30%	≅11%
11-GENTILI, Pablo.	-	31,5%	-	20%	16,6%	-	-	≅10%
12-HARVEY, David	-	21%	13,3%	-	11%	-	15%	≅9%

Trabalho & Educação – vol. 17, nº 2 – Maio / jago 2008.

Elaborado a partir das bibliografias dos trabalhos do GTTE, disponibilizados nos CDs das Reuniões Anuais da ANPED.

A análise deste quadro mostra que a matriz teórica marxista do GT se evidencia, pelos “autores-referência” mais recorrentes. Chamamos de “autores-referência” aqueles mais citados nos trabalhos do GTTE. O segundo lugar ocupado por Frigotto entre os autores mais citados⁷, mostra também quanto os trabalhos que circulam no GT recorrem a autores participantes do próprio GT. Entre estes autores, podemos citar além de Frigotto, Machado e Ferretti - ex-coordenadores do GT, Kuenzer, Fidalgo, referências constantes da área, todos participantes ativos, que enviam trabalhos e intermedeiam atividades no grupo.

Shiroma e Campos (op. cit.), em análise publicada em 1997 sobre a área de Trabalho e Educação, ratificaram a importância desses mesmos autores-referência, Frigotto, Machado e Ferreti. Assim como também destacaram Helena Hirata, nem tanto como participante, mas como referência. Os mesmos nomes apareceram também no trabalho de Trein e Ciavatta.

⁷ Autor identificado com o marxismo, vide esta passagem: o movimento de legitimação do materialismo histórico como referencial analítico fundamental do campo se fez, particularmente, pelas lideranças incisivas e permanentes de Miguel Arroyo e Gaudêncio Frigotto (TREIN E CIAVATTA, 2003, p. 141-142).

Um outro trabalho de avaliação de documentos e textos produzidos pela área de Trabalho e Educação foi elaborado por Castilho e Pereira (op. cit.), e publicado na revista **Trabalho e Educação** do Núcleo de Estudos sobre Trabalho e Educação - NETE, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais. Em texto intitulado *Trabalho e educação: contribuições dos artigos publicados na revista do NETE* em 2003, as autoras tipificaram e assim agruparam vários artigos dessa revista, compreendendo o período de 1996 até 2002, que perfaz 12 números editados. Uma das conclusões delas, corrobora o que o quadro mostra e os outros balanços.

Ao longo do exame dos artigos verificou-se que alguns autores, bem como algumas fontes bibliográficas, têm se tornado referências importantes, seja pelas análises e discussões que provocam, seja pelos esforços de focalizar seus estudos em determinadas temáticas. Observamos na pesquisa da bibliografia, que algumas fontes se tornam quase que obrigatórias para tratar de determinados eixos temáticos (CASTILHO; PEREIRA, 2003, p. 110).

É importante ressaltar que a bibliografia utilizada pelo GT é vasta e percorre vários autores, não obstante, a característica marcante é essa: a de preservar algumas referências, como se servissem para identificar o trabalho, possibilitando-o de ingressar, e ser aceito no “campo” (BOURDIEU, 1994).

O trabalho de Trein e Ciavatta apresenta o GTTE como um lugar que “preserva o espaço plural de discussão” (2003, p. 140), ainda que, desde o seu início, tenha feito uma clara escolha pela perspectiva: teórico-política marxista. Trein e Ciavatta defendem que o GTTE, embora com um posicionamento político e teórico bem delineado, não se fechou tendo nele prevalecido:

(...), contudo, o diálogo e o confronto com os autores que questionam o marxismo ou que trazem contribuições analíticas orientadas para temas emergentes no contexto das transformações do último século, tais como a sociedade de consumo, a comunicação, a subjetividade, a presença da imagem e o ideário pós-moderno (TREIN E CIAVATTA, 2003, p. 141).

Dermeval Saviani, no prefácio do livro *Escola de Gramsci* de Nosella (op. cit.) traz uma visão interessante sobre as teorias que tratam do marxismo. Para Saviani, Gramsci tratou o marxismo em termos ortodoxos, ou seja, como uma filosofia integral, enquanto a “Escola de Frankfurt” teve, em relação ao marxismo, uma postura heterodoxa, isto é, considerou-o uma referência básica, mas não suficiente. Segundo nossa interpretação, esta visão de Saviani nos possibilita inferir que o GTTE toma o marxismo em termos ortodoxos. Essa opção fica clara nas referências básicas utilizadas pelos trabalhos (ver quadro 1), na opção da denominação do GT que subordina o termo “educação” ao termo “trabalho” e na perspectiva assumida de ter o “trabalho como princípio educativo”. Não obstante, esse marxismo ortodoxo - proposto por Gramsci - não necessariamente é hermético, como argumenta Saviani:

(...) não se trata de uma ortodoxia à moda religiosa que estiola a doutrina enrijecendo-a e tornando-a impermeável às transformações históricas. Trata-se de uma ortodoxia do método. Assim como Marx exercitou à exaustão o método da análise concreta de situações concretas debruçando-se sobre o processo de nascimento, desenvolvimento, transformações e possível superação do capitalismo, mantendo-se atento a todos os acontecimentos importantes de sua época (...) (SAVIANI apud NOSELLA, 2004, p. 35)

No GTTE, certamente não há apenas estudos teóricos ortodoxos, há também os trabalhos em diálogo com outros autores, como Habermas, Bourdieu, Adorno, Althusser, etc. Porém, o mais recorrente é a revisita aos textos marxianos, e marxistas. Dos trabalhos lidos, 35% deles (ver quadro 1) utilizaram pelo menos uma das obras de Karl Marx, o mais citado entre todos os autores. Este aspecto do GT é apresentado por Trein e Ciavatta de forma clara:

Essa base teórica pautada no materialismo histórico segundo Marx traz consigo outro traço distintivo do GT: a visão política centrada no compromisso com a transformação das formas de exploração e amesquinamento do ser humano, geradas pela produção e pela sociabilidade do capital. (2003, p. 141).

Não obstante, aos poucos é possível delinear dentro do grupo diferenciadas correntes (cf. BOMFIM, 2006), que possuem divergências, por vezes pequenas, mas, importantes, quanto à forma de perceberem o grupo. Uma característica comum às correntes majoritárias é reconhecer na identidade do GTTE a perspectiva teórica do marxismo. Uma primeira corrente percebe que o GTTE em nome do materialismo desprestigia questões da área de educação em favor de questões mais estruturais, relativas ao Estado e à economia. Kuenzer se identifica muito com essa crítica.

A segunda corrente ratifica o marxismo, mas investe mais na crítica ao movimento auto-referencial do grupo, voltado demasiadamente às mesmas referências. As passagens oferecidas até aqui por Picanço (e mais adiante por Trein) parecem ser as mais representativas dessa corrente.

A sutil diferença entre Picanço e Kuenzer, embora as duas estejam juntas na reivindicação por pesquisas empíricas e mais próximas da escola, está em relação aos encaminhamentos que deve assumir o GTTE. Kuenzer defende sobretudo uma volta às raízes que fundaram o grupo, preocupa-se com a superficialidade das discussões e deseja mais espaço para os pesquisadores *seniors*, considerando que um dos problemas do GTTE é não dispor de espaço para o crescimento da reflexão à luz da teoria marxista. Picanço, por sua vez, propõe, sobretudo, um enfrentamento maior das teorias ditas adversárias. Quer dizer, caminhos que podem convergir porque não são necessariamente excludentes, mas podem, dependendo de uma orientação mais contundente, representar mais ortodoxia de um lado e heterodoxia do outro. Os itens a seguir também contribuem nessa discussão.

TRABALHO E EDUCAÇÃO: IDENTIDADE OU RETRAÇÃO?

Se a percepção de que o GTTE não está se debruçando adequadamente sobre a Educação Básica aproximou Kuenzer, Arroyo e Picanço, por um outro lado, eles se distanciam, em relação às explicações desse fato. Com efeito, para Picanço, por exemplo, a saída de Arroyo do GTTE se deveu à percepção deste pesquisador de que o GT estava se tornando demasiadamente teórico e cada vez mais afastado da problemática da escola. Já para Kuenzer, Arroyo se afasta do GTTE porque a perspectiva teórica deste educador muda no sentido de não mais se basear no marxismo. O afastamento de Arroyo do GTTE tem relevância para a nossa discussão sobre a identidade do GTTE. Nesse sentido, a professora Iracy Picanço nos oferece uma reflexão interessante:

O grupo se protegeu um pouco enquanto orientação, eu acho que faltou ao grupo muitas vezes assumir o desafio do debate teórico com outras correntes do pensamento, e nós não enfrentamos, no geral você está enfrentando sempre, mas no trabalho do próprio GT (deveria) puxar esse debate. Com os grandes estruturalistas, com os funcionalistas. *(Entrevista)*

Nessa passagem, Picanço nos permite inferir que o grupo construiu a sua identidade de forma auto-centrada ou auto-referencial; isso que ao mesmo tempo contribuiu para lhe dar autonomia, também pode ter colaborado para torná-lo mais ortodoxo (no sentido visto anteriormente em Saviani). Com ela, pode-se dizer, que os debates às perspectivas estranhas ao marxismo não foram abandonados, porém, não foram trazidos e enfrentados frontalmente no interior do GTTE, ou ficaram demasiadamente subordinados à perspectiva marxista.

Eunice Trein ao ser perguntada durante a entrevista sobre a contribuição de outras perspectivas fora do marxismo para o GTTE nos responde:

Essas leituras tiveram um papel importante na medida em que elas recolocaram questões aparentemente já consagradas no marxismo e serviram de desafio para novos pensamentos, novos questionamentos. Então, houve efetivamente uma recepção desses autores, embora não uma incorporação deles. *(Mas)* sim um diálogo com eles. Assim como também em Bourdieu tem havido um diálogo, enfim com outros autores que colocam em questão outras temáticas, temáticas do poder em Foucault. Existem outras abordagens que foram aos poucos, servindo de diálogo para a área. *(Entrevista)*

Trein, nessa passagem, assume a necessidade de diálogo com variados autores e acredita que o GTTE muitas vezes é demandado a fazer isso, devido aos questionamentos vindos da realidade.

Em um outro momento da entrevista, Acácia Kuenzer mostra de forma muito transparente sua impaciência com autores “pós-modernos”, embora afirme a necessidade da pluralidade como pré-condição da ciência e da academia. Nesse momento, Kuenzer cita Bourdieu como um pensador que traz reflexões importantes para área.

Na análise sobre a questão da identidade do GTTE, o depoimento de Picanço traz a tensão entre a busca da identidade e a retração.

Nessa perspectiva, para Bourdieu:

(...) quanto mais autônomo for um campo, maior será o seu poder de refração e mais as imposições externas serão transfiguradas, a ponto, freqüentemente, de se tornarem perfeitamente irreconhecíveis. O grau de autonomia de um campo tem por indicador principal seu poder de refração, de retradução. Inversamente, a heteronomia de um campo manifesta-se, essencialmente, pelo fato de que os problemas exteriores, em especial os problemas políticos, aí se exprimem diretamente. (BOURDIEU, 2004, p. 22).

Talvez o desafio do GTTE (e provavelmente de qualquer um outro GT) é exatamente a manutenção de uma dialética entre identidade e pluralidade, entre autonomia e heteronomia. E se o problema não está na opção teórica em si, pode estar na construção e desenvolvimento da teoria e da relação desta com a empiria. No caso do GTTE, o problema pode não estar na identidade epistemológica do grupo (para Kuenzer, essa identidade seria a maior virtude do grupo), mas pode estar no tipo de diálogo que trava (ou não trava) com outras teorias.

O GTTE E OS DESAFIOS DA DÉCADA DE 90

A década de 90 surge desafiadora, sobretudo para a “esquerda”. A professora Eunice Trein em entrevista concedida à Revista Trabalho e Educação, exemplar nº0, percebe a sociedade demandando novos temas de pesquisa, que despertam também o interesse no GTTE, entre eles:

(...) requalificação profissional, formação para a negociação, mulher e mercado de trabalho, representações sociais sobre o trabalho na visão de jovens egressos de cursos de formação, bem como temáticas específicas dos profissionais da educação (REVISTA TRABALHO & EDUCAÇÃO, 1996, p. 35).

Os temas vão ganhando contornos bem diferentes. Na década anterior, temas que viessem com termos como “negociação”, gênero, etnia, etc. tinham grande possibilidade de serem vistos imediatamente como reformistas, da mesma forma que pesquisar a Educação Profissional sobre um trabalhador não-fábrica parecia ser um estudo menos avançado.

Trabalho & Educação – vol.17, nº 2 – Maio / junho 2008.

A década de 90 trouxe outros temas importantes para o mundo do trabalho, tais como: desemprego estrutural, setor de serviços, terceiro setor, ONGs, economia solidária, trabalho precarizado, subemprego, trabalho e etnia, etc. (cf. POCHMANN, 2002; ANTUNES, 2003; HIRATA, 2003; FIORI, 2001). Também houve o recrudescimento de outros temas, como: a questão agrária, a desigualdade social, periferia e centro, etc. e a retomada, sobre novas bases, de temáticas como a politecnia, a formação integral para o trabalhador, a participação no governo, etc.

Ao traçar um paralelo entre as décadas de 80 e 90, podem-se perceber temas não apenas novos, mas que sugerem mudanças de rumo. Mesmo esta mudança não alterando a perspectiva teórica adotada, no mínimo, os debates da década de 90 questionaram alguns elementos da reflexão travada na década anterior. Se a pauta estabelecida pelos educadores na década de 80 ficou longe de ser cumprida, a da década de 90 além de ampliar os temas, também colocou algumas temáticas novas, às vezes de forma inusitada, como o discurso dos empresários, que por vezes se assemelhou ao dos educadores progressistas em temas como a formação integral dos trabalhadores, a possibilidade de um modelo de qualificação menos fragmentado, o aumento da escolaridade dos trabalhadores, etc. Neste sentido, até mesmo a proposta da “politecnia” esteve (aparentemente) no discurso sobre educação feita pelos empresários.

Como já foi mencionado anteriormente, a principal característica do GTTE, foi seu alinhamento ao marxismo e a possibilidade do socialismo, algo que Kuenzer ratifica em trabalho posterior da seguinte forma no final da década de 90:

Em resumo, a área se constituiu a partir de opções epistemológicas bem definidas, que tomam a produção do conhecimento como práxis transformadora, tendo no horizonte a superação do capitalismo através da construção, não idealizada, mas historicamente possível, do socialismo. Com base nestas opções, buscou-se a construção de um corpo teórico que passou a contribuir significativamente para a constituição de uma teoria pedagógica que aponte para o socialismo a partir das condições concretas do caso brasileiro. (KUENZER, 1998, p. 56).

Como fica a proposta de elaboração de “uma teoria pedagógica que aponte para o socialismo a partir das condições concretas do caso brasileiro, no contexto atual?” O

que dela se mantém e o que deve ser modificado? As análises sobre a década de 90 produzem um balanço sobre os exageros e modismos dos anos anteriores. Mesmo para a diversidade de intelectuais marxistas, que se mantêm ligados por acreditarem na história, na dialética e na superação do capitalismo, recrudescer a divergência sobre o horizonte do socialismo ou pelo menos de sua construção. Enquanto num extremo alguns perderam o socialismo do horizonte próximo, outros, ainda que baqueados, tentam se recompor dos ataques neoliberais da década de 90, revisitam princípios do marxismo histórico e recolocam o socialismo como meta (cf. MÉSZÁROS, 2002). Hobsbawm explicita assim a perplexidade que a queda do socialismo real causou entre os marxistas:

O colapso da URSS (...) chamou atenção basicamente para o fracasso do comunismo soviético, ou seja, da tentativa de basear toda uma economia na propriedade universal, pelo Estado, dos meios de produção e no planejamento central (...). Todas as outras formas históricas do ideal socialista haviam suposto uma economia baseada na propriedade social de todos os meios de produção. (HOBSBAWM, 1996, p. 542)

Enfim, é importante considerar que há muitos condicionantes externos sobre o GTTE. A conjuntura da década de 80 orientou o GTTE e a década de 90 trouxe outros desafios para o GT a serem avaliados. Destarte, estudar o GTTE pressupõe uma totalidade, que considera: os desafios enfrentados pelos Programas de Pós-graduação no campo de Trabalho e Educação (REIS; LOBOS, 2002); permanente crise atribuída a sua perspectiva teórica; a relação com o Estado; as demandas atuais da sociedade, vindas das escolas técnicas, da educação básica, dos movimentos sociais, das organizações dos trabalhadores, do mundo do trabalho em geral. Não obstante, como se apresenta o GTTE a tudo isso?

A EDUCAÇÃO MINGUOU-SE DIANTE DO TRABALHO

Tanto na entrevista dada por Picanço, mas, sobretudo na de Kuenzer, elas argumentaram em favor da relação Trabalho e Educação, nesta ordem, mas lamentaram os descaminhos (evitáveis) que o GTTE tomou. Na opinião delas a reflexão sobre a Educação, sobre a escola especificamente, há muito tempo tem ficado aquém do esperado. Kuenzer expressa essas questões da seguinte forma:

Primeiro, tanto eu quanto a Iracy, estávamos muito preocupadas que a inversão de trabalho para educação tinha feito com que o pessoal se seduzisse pelo mundo do trabalho e perdesse o objeto educação como referência. Então, todo mundo pesquisava globalização reestruturação produtiva. Então isso virou discussão de economia, de ciência política, de sociologia do trabalho, de administração, mas a perspectiva da educação dos trabalhadores, isso parecia que era coisa de pedagogo, era coisa menor e não objeto do GT. (...) As pessoas foram ao mundo do trabalho e não voltaram. (Entrevista)

Aqui você tem elementos preciosos para discutir como a identidade do GTTE se construiu não apenas com base na perspectiva marxista, mas também escolhendo temas e objetos mais valorizados do que a educação para suas pesquisas.

Esse desvio de rota ficou tão claro para Kuenzer que ela chega a assumir que a inversão de nome, a qual sempre foi favorável, não foi feita no programa de pós-graduação em que trabalha, em função dessa experiência do GTTE:

Eu e o grupo (da UFPR), que criamos na Federal do Paraná tem essa característica, e exatamente por conta disso eu não mudei o nome, porque eu estava já irritada com essa ida sem volta... Para marcar posição, para dizer que nosso programa de mestrado, na época não

tinha doutorado ainda, ele tinha na educação seu objeto, ficou a área e linha de “Educação e Trabalho” (...) E foi uma forma de reagir a uma direção que as pesquisas tomaram. (Entrevista)

Na verdade, esse apelo de Kuenzer e de Picanço se juntou ao que Miguel Arroyo fez (ARROYO, 1998) desde o início, no sentido de que o GTTE não deveria se afastar da Educação Básica. Esse ponto é um exemplo de como é importante às novas pesquisas em TE que revisem tanto à pauta vinda da década de 80 quanto às modificações e novidades trazidas pela de 90 e agora também pela primeira década do século XXI.

AS CONSIDERAÇÕES FINAIS E A SEMPRE NECESSÁRIA AVALIAÇÃO: PARA ONDE VAMOS?

A reflexão que fizemos neste trabalho permitiu construir alguns pontos provisórios sobre o GTTE, ensaio para maior avaliação noutro momento. Vale sintetizarmos:

- O GTTE tem uma identidade marxista bem definida, se percebe aberto e plural, de acordo com os balanços analisados, conforme Picanço, Kuenzer e Trein;
- O GTTE, que se constituiu no início da década de 80, se consolida até final dessa década com um grupo de pesquisadores muito próximos, tanto na perspectiva teórica quanto na formação adquirida, muitas vezes nas mesmas “escolas”;
- O GTTE da década de 80 é marcado por educadores que se propõem a refletir sobre uma proposta de escola que seja uma resposta crítica à Teoria do Capital Humano e ao reproduzimento;
- Os anos 90 começam a despontar e percebe-se que muitos dos temas da pauta estabelecida pelos pioneiros vão sendo preteridos dentro do GTTE, como as investigações que contemplam os trabalhos históricos, a relação com a escola básica, as experiências dos trabalhadores, etc.;
- A década de 90 traz grandes desafios ao GTTE, principalmente pelos questionamentos feitos por teorias e ideários “adversários”, vindos dos pós-modernos, do neoliberalismo, dos críticos à centralidade do trabalho, etc.
- Avaliações sobre investigações da área de TE começam a mostrar que a década de 90 fez emergir alguns problemas aos temas de pesquisa, como, por exemplo, o do determinismo tecnológico. Depoimentos de participantes do grupo começam a apontar também outros problemas, como o desprestígio da própria “educação” a favor de estudo de cunho mais sociológico, econômico ou filosófico.

Na observação desses pontos, é interessante perceber que há uma ruptura entre as décadas de 80 e 90. Esta última trouxe desafios e problemas novos que alteraram a pauta de pesquisa, a produção intelectual e acadêmica e as concepções da década anterior. Acreditamos que esse movimento esteja agora chegando a um momento crucial de “esgarçamento” e de definição. Um momento crucial, talvez de resposta e/ou de avaliação para os debates que perpassaram os anos 90, quanto ao suposto “fim da centralidade do trabalho”, o desmantelamento do Estado de Bem-estar, a globalização, etc. (Cf. FRIGOTTO, 1995 e 1998; HOBBSAWM, 1996; HIRATA, 2003; entre outros). Quer dizer, um bom momento de avaliação da área, em relação às escolhas que fez, quanto à influência da perspectiva marxista, quanto ao contexto histórico, ao contexto de desgovernos de “esquerda”, etc.

REFERÊNCIAS

- ANPED. **25 anos.** (até 23ª) Histórico. Caxambu - MG, 2002. CD-ROM.
- ANPED. **Intelectuais, conhecimentos e espaço público.** (24ª) Caxambu - MG, 2001. CD-ROM.
- ANPED. **Educação: manifestos, lutas e utopias.** (25ª) Caxambu - MG, 2002. CD-ROM.
- ANPED. **Novo governo. Novas Políticas.** (26ª) Poços de Caldas - MG, 2003. CD-ROM.
- ANPED. **Sociedade, Democracia e Educação: Qual universidade?** (27ª) Caxambu-MG, 2004. CD-ROM.
- ANPED. **Sociedade, Democracia e Educação: Qual universidade?** (27ª). **Resumo dos Trabalhos.** Caxambu-MG, 2004b.
- ANPED. **40 anos da Pós-graduação em Educação no Brasil.** (28ª) Caxambu - MG, 2005. CD-ROM.
- ANTUNES, Ricardo. **Os Sentidos do Trabalho.** São Paulo: Boitempo Editorial, (1999) 2003.
- ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao Trabalho?** São Paulo: Editora Cortez/Editora Unicamp (10ª edição) 2005.
- ARROYO, Miguel. Trabalho - Educação e Teoria Pedagógica. In: FRIGOTTO, Gaudêncio (org.). **Educação e Crise do Trabalho.** Petrópolis-RJ: Vozes 1998.
- BOMFIM, Alexandre Maia. Quem Fará a Mediação?: um estudo sobre a produção acadêmica do Grupo de Trabalho e Educação. In: **Educação e Cultura Contemporânea.** V.3, n.5 (jan/jun. 2006). Rio de Janeiro: UNESA - Mestrado em Educação, 2006.
- BOURDIEU, Pierre. **Os usos sociais da ciência:** por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: Editora UNESP, 2004.
- BOURDIEU, Pierre. O Campo Científico. In: ORTIZ, Renato. **Pierre Bourdieu. Sociologia.** São Paulo: Editora Ática, 1994.
- CASTILHO, Ana Paula Leite; PEREIRA, Rosângela Maria. Trabalho e Educação: contribuições dos artigos publicados na revista do NETE. **Revista Trabalho & Educação,** Belo Horizonte, v. 12, n. 2, p. 97-112, jul/dez. 2003.
- FERRETTI, Celso J. Empresários, Trabalhadores e Educadores: Diferentes Olhares sobre as Relações Trabalho e Educação no Brasil nos Anos Recentes. In: LOMBARDI, J.; SAVIANI, Demerval; SANFELICE, José Luis (orgs.). **Capitalismo, Trabalho e Educação.** Campinas, SP: Autores Associados, 2002.
- FIORI, José. L. **60 Lições dos 90.** Rio de Janeiro: Record, 2001.
- FRIGOTTO, Gaudêncio. **Educação e a Crise do Capitalismo Real.** São Paulo, Cortez 1995.
- HENRIQUES, Vera M. P. de M. **ANPEd e a preocupação da autonomia:** em busca de reconhecimento e consagração. Tese de doutorado. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. 191p. 1998.
- HIRATA, Helena; MARUANI, Margaret. **As Novas Fronteiras da Desigualdade.** São Paulo: editora SENAC São Paulo, 2003.
- HOBBSBAWM, Eric J. **Era dos Extremos.** São Paulo: Companhia da Letras, 1996.
- KONDER, Leandro. **O Futuro da Filosofia da Praxis:** o pensamento do marxismo no século XXI. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- KUENZER, Acácia Z. **Pedagogia da Fábrica:** As relações de Produção e a Educação do Trabalhador. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1985.
- KUENZER, Acácia Z. **Pedagogia da Fábrica:** As relações de Produção e a Educação do Trabalhador. 6ed. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 2002.
- KUENZER, Acácia. Desafios teórico-metodológicos da relação trabalho-educação e o papel social da escola In: FRIGOTTO, Gaudêncio (org.). **Educação e Crise do Trabalho.** Petrópolis-RJ: Vozes 1998.
- KUENZER, Acácia. **Educação e trabalho no Brasil:** o estado da questão. Brasília: INEP, 1991.
- MÉSZÁROS, István. **Para além do capital.** Campinas/SP; Boitempo, 2002.
- NOSELLA, Paolo. **A Escola de Gramsci.** 3 ed. São Paulo: Cortez, 2004.
- POCHMANN, Márcio. **E-Trabalho.** São Paulo: Publisher Brasil, 2002.

REIS, Ronaldo Rosas; LOBO, Francisco José Silveira. Relatório do **Intercrítica** – Intercâmbio entre os diferentes núcleos de pesquisa sobre Trabalho e Educação. Niterói. Mimeo. UFF, agosto de 2002.

SHIROMA, Eneida; CAMPOS, Roselane F. Qualificação e reestruturação produtiva: um balanço das pesquisas em educação. **Educação e Sociedade**, Campinas-SP, ano XVIII, n. 61, p. 13-35, dez, 1997.

REVISTA TRABALHO & EDUCAÇÃO. Entrevista com Eunice Trein. **Revista Trabalho & Educação**, Belo Horizonte, n° 0, 1996.

TREIN, Eunice; CIAVATTA, Maria. O Percurso teórico e empírico do GT Trabalho e Educação: uma análise para debate. **Revista Brasileira de Educação**, Anped, n. 24, p. 140-164. set/out/nov/dez; 2003.

AGRADECIMENTOS

Aos meus entrevistados, Geórgia Sobreira dos Santos Cêa, Flávio Anício Andrade, Marlene Ribeiro, Lia Tiriba e Paulo Tumolo que estiveram noutros momentos da pesquisa que engendrou este trabalho.

Especiais, a Gaudêncio Frigotto, Acácia Kuenzer, Iracy Picanço, Eunice Trein que ofereceram os depoimentos utilizados neste artigo.